

## O gran finale de um julgamento farmacopornográfico

João Vitor Cardoso<sup>1</sup>

“O padrão majoritário é vazio.  
O homem macho, adulto, não tem devir.  
Pode devir-mulher e virar minoria.”  
Deleuze

Como observou Suely Rolnik, o script dos novos golpes de Estado “é um verdadeiro show de psicopatia”. A imagem de Carmem Lúcia sob o letreiro iluminado do Bahamas, enquanto Oscar Maroni simula assassinar uma mulher seminua, para alguns, celebra a vitória da moralidade pública contra a corrupção. A cena do corpo feminino extirpado, forçado ao ato de exposição sexual, abaixo dos quadros de Carmem Lúcia e Sergio Moro, é não só metafórica, mas também paradoxal: um gran finale para o seriado pós-verídico que coroa o golpe de 2016.

“É sexy gritar contra o Lula”, disse a coordenadora do Vem pra Rua. Por sua vez, a subcelebridade Sabrina Boing Boing postou uma foto sensual para comemorar a ordem de prisão expedida por Moro. Nessa senda, uma série de iniciativas e movimentos que não se dizem

políticos, nem tem qualquer relação com a política representativa, não só cafetões moralistas, mas também elitistas, escravocratas, racistas, machos valentões, enfim, uniram Carmem

Lúcia a Oscar Maroni. Esses novos personagens de poder, que apalpm e depauperam, que nos

<sup>1</sup> Discente do Programa de Mestrado Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades FFLCH – USP. Coordenador do Observatório de Conflitualidade Civil e Acesso à Justiça – OCCA. joao\_vitor\_cardoso@yahoo.com

atravessam e nos torpedeiam, entorpecem, abaixo da linha da consciência, para não dizer, abaixo da linha da cintura. A pergunta que responderemos a seguir é: seria esta a constatação de algum tipo de regime “narcoticossexual”, como diria Paul B. Preciado, vigente no Brasil?

Vale lembrar, a Presidente da Suprema Corte (nota gramático-política: Carmem recusou o uso do termo Presidenta), que não se confunde com a Musa da Lava Jato, desde o início adotou uma postura masculina: renunciou ao “fazer-se mulher” como categoria ético-política para engajar-se na vida pública, filiando-se a uma corrente ideológica segregada e dominada por homens embolorados.

Em Mil Platôs, Deleuze & Guattari (2008, 70) apontam que “todos os devires começam e passam pelo devir-mulher”. Os autores argumentam que a noção de “ser humano homem macho heterossexual branco adulto” é o ponto focal que estrutura o pensamento ocidental, que é excludente e repressivo em vários níveis. Em suma, dizem: “o padrão majoritário é vazio. O homem macho, adulto, não tem devir. Pode devir-mulher e virar minoria”. Ou seja, o homem não entra em devir porque, para a forma homem, que dizima modos de vida minoritários, frágeis, hesitantes, ora ainda nascentes, tudo está em segundo plano, tudo veio depois dele; ao passo que o devir-mulher, devir-revolucionário, causa a transformação daquilo que somos, questionando as instituições e acontecimentos

que reproduzem as estruturas de dominação.

Com inspiração nestes conceitos, o pós-feminista Paul B. Preciado identifica na atualidade um regime far-

macopornográfico, que se daria pela aparição de um regime pósindustrial, global e midiático que toma como referência, por um lado, os processos biomoleculares (fármaco), e, por outro, o semiótico-técnico (pornográfico); polos que operam mais em convergência do que em

*(...) como dispositivo virtual (audiovisual, masturbatório, cibernético), a Lava Jato, que já havia sido alçada à qualidade de espetáculo, transformou-se em Operação Leva-Jato ao ser absorvida pela indústria pornográfica.*

oposição na constituição de uma nova subjetividade sexual. Destarte, o autor cruza a análise performativa de Judith Butler com a arqueologia crítica dos dispositivos disciplinares de Foucault, levando-os para o território do corpo, e das tecnologias bioquímicas e pornográficas. Aqui, entramos na questão do farmacopoder. Nele, a gestão dos corpos se leva a cabo através de novas dinâmicas do tecnocapitalismo avançado, que se materializa por meio do estabelecimento da autoridade de substâncias químicas, moléculas comercializáveis, biótipos humanos, artefatos elevados à categoria de bens de consumo, geridos por multinacionais farmacêuticas. Nesse sentido, como dispositivo virtual (audiovisual, masturbatório, cibernético), a Lava Jato, que já havia sido alçada à qualidade de espetáculo, transformou-se em Operação Leva-Jato ao ser absorvida pela indústria pornográfica. A imagem que une Oscar Maroni, uma mulher seminua tomada à força, Sergio Moro e Carmem Lúcia, que rapidamente viralizou nas redes, revela de forma singular a pragmática do capitalismo narcotisssexual institucionalizado. Difícil ser mais explícito.

Sobre a presunção de inocência, mesmo com Lula preso, outros condenados em 2ª instância seguirão soltos. A proteção de direitos fundamentais, a supremacia da Constituição, o império da lei, tudo isso cedeu ao triunfo da colonização do poder judiciário pela grande imprensa, consubstanciando o modus operandi do novo regime colonial-capitalístico. Em suma, o julgamento de quarta-feira foi um atentado ao pudor, ou como disse Lenio Streck, “um tsunami jurídico”. Nessa jusante, “é preciso distinguir redemoinho de pororoca, quais direções são constituintes, quais apenas repisam o instituído e quais comportam risco de retrocesso institucional”, lembrando do alerta de Peter Pál Pelbart, ao comentar as Jornadas de Junho de 2013. É tempo de reativar a micropolítica tropical, nossa capacidade coletiva de descolonização do inconsciente e de resistir cotidianamente aos agenciamentos capitalísticos e neocoloniais que grassam por toda parte, não só para mudar a sociedade, senão à vida mesma. Nesse cenário de crise constitucional, a restauração da legitimidade de nossas lutas constituintes passa por devir-mulher, por devir-negro, por devir-animal, devires que estão na linha de frente da resistência à barbárie neoliberal.

## Referências Bibliográficas

LOURO. Guacira Lopes. Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. Revista Pró-Posições, v.19, n°2 (56) – mai/ago 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, ([1980] 2008).

ROLNIK, Suely. O seriado do golpe em três temporadas. Disponível em: <https://outraspalavras.net/brasil/666381/> acesso em: 10/04/2018.

SANTINI, Rose Marie. CAMELIER, Joana. Devir mulher, sexualidade e subjetividade: aproximações entre Deleuze & Guattari e Pierre Bourdieu sobre a construção social dos corpos. In: Revista Ártemis, Vol. XIX; jan-julho 2015.

PELBART, Peter Pál. Palestra “anota aí: Eu sou ninguém”. Dia 10 de agosto de 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0hpveQpOWoo>

PRECIADO, Beatriz. Texto Yonqui. Madrid: Editora Espassa Calpe, 2008.

\_\_\_\_\_. Farmacopornografia. In: El País, de 27 de janeiro de 2008. Disponível em: [https://elpais.com/diario/2008/01/27/domingo/1201409559\\_850215.html](https://elpais.com/diario/2008/01/27/domingo/1201409559_850215.html)

Acessado em:10/04/2018.

\* As ideias contidas neste artigo são de seu(s) autor(es) e não necessariamente expressam as posições oficiais do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS.